

QUAL É O CARRO QUE AVISA QUANDO VAI CHOVER?

LUANNA REGINA ALVAREZ RODRÍGUEZ PEREIRA

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL=MG)

Com certeza, em algum momento da sua vida, você já ouviu essa charadinha. E aposto que a resposta pra ela veio quase que de maneira automática na sua cabeça ao ler. Ora, todos nós sabemos que o carro meteorologista é o CELTA PRETO. Mas, você já parou pra pensar como é o processo cognitivo por trás da nossa compreensão dessa piadinha? Essa compreensão ocorre através de um processo chamado Mesclagem Conceptual, um dos conceitos mais importantes da Linguística Cognitiva. Vamos aprender um pouquinho sobre isso?

Bom, pra início de conversa, a Linguística Cognitiva surgiu lá nos anos 80, quando alguns pesquisadores se viram insatisfeitos com alguns rumos que o estudo da linguística daquele período estava tomando. Na época, a corrente teórica conhecida como Gerativismo estava em alta e o estudo da língua já tinha um viés mais cognitivista. Entretanto, pesquisadores como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier não estavam satisfeitos com o papel que a Semântica/Pragmática estava exercendo dentro do modelo gerativista. Apesar de concordarem com Chomsky em “a linguagem é o espelho da mente”, esses pesquisadores passaram a buscar um viés teórico capaz de explicar a relação entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado, como cita Lilian Ferrari. Eles se afastaram da perspectiva modular proposta pelo gerativismo, que defendia que o cérebro era formado por diversos módulos, cada um responsável por uma área do conhecimento (como raciocínio lógico, matemático, linguagem, etc) e que atuavam de forma independente entre si. Dessa forma, os teóricos cognitivistas adotaram uma perspectiva não modular, que prevê diversas interações cognitivas na formulação do significado, bem como interação dos módulos da linguagem. Ao contrário do gerativismo, que tratava o significado como um reflexo direto do mundo, a teoria cognitiva passa a enxergá-lo como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. O nosso conhecimento acerca da língua deixa de ser visto como um conhecimento de dicionário (que só relaciona palavra-significado) e passa a ser visto como um conhecimento enciclopédico (que engloba diversas áreas).

Por deixar de lado essa ideia de linguagem como um sistema de computador, a Linguística Cognitiva adota, também, uma perspectiva empirista acerca da linguagem, que permite a ideia de “pensamento corporificado”. Sendo assim, a mente não pode ser estudada de maneira separada do corpo, de modo que as experiências, a cognição e a realidade são ancoradas em uma

experiência corporal, e isso pode ser notado na maneira como nós falamos. Nossos olhos, nariz e boca estão posicionados na parte da frente da cabeça, de modo que, quando andamos, estamos inevitavelmente sempre olhando para frente e isso se reflete na maneira como descrevemos certos eventos temporais, por exemplo:

(a) Espero você melhore *daqui pra frente*.

(b) Ah, esquece o que ficou *para trás*, vamos seguir a vida.

Nesses dois exemplos, vemos expressões relacionadas às noções espaciais de frente-atrás sendo utilizadas para retratar o futuro (o que está à frente) e o passado (o que ficou pra trás). Lakoff define isso como “realismo experiencialista”, ou seja, admite-se a existência de uma realidade externa, mas considera-se que, devido à forma e à configuração de nossos corpos e mentes, nós estabelecemos uma perspectiva particular entre as diversas perspectivas viáveis. Lilian Ferrari resume que os principais pontos dessa ideia de realismo experiencialista são: o pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases de nosso conceptual são percepção, movimento corporal e experiência de caráter físico-social; o pensamento também é imaginativo, de maneira que os conceitos que não são ancorados na nossa experiência física são representados através de metáforas, metonímias e imagética mental, que são caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade. O que esse segundo ponto quer dizer é que nosso cérebro consegue compreender noções mais abstratas (como o tempo) através de noções mais básicas (como o espaço), como podemos ver nos exemplos (a) e (b).

Um outro ponto extremamente importante da Linguística Cognitiva é o estudo sobre categorizações. A categorização é o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares, etc.) em classes específicas, como define Ferrari. A autora cita como exemplo os diferentes compartimentos de um guarda-roupa, que derivam do fato de classificarmos determinadas roupas como roupas que devem ser dobradas, outras que devem ser penduradas em cabides, peças íntimas e meias, que costumam ficar nas gavetas, etc. Para a linguagem, esse processo de categorização é essencial, já que sempre agrupamos os objetos, atividades e pessoas com qualidades semelhantes em classes específicas. Por exemplo:

(c) Maria, Pedro e Lucas falam demais, são os mais *tagarelas* da turma.

Nesse exemplo, temos três pessoas com uma característica em comum (falar demais) agrupadas em uma única classe (tagarelas).

Esses processos de categorização estão ligados à nossa capacidade de memória. Conseguimos agrupar objetos e pessoas em categorias específicas mas não somos capazes de criar categorias infinitas pois nosso cérebro ficaria sobrecarregado. É possível que você consiga agrupar uma categoria de “tons de azul”, mas você não conseguiria agrupar diversas categorias como: “tons de azul anil”, “tons de azul escuro”, “tons de azul esverdeado”, “tons de azul cerúleo”,

entre outras. Isso causaria uma sobrecarga no nosso cérebro pra armazenar e organizar essas informações.

Mas quais são os critérios relevantes para determinar que determinado objeto pertence à determinada categoria?

De acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento pertença a uma categoria, ele deve possuir todos os atributos definidores dessa mesma categoria. Ferrari cita o exemplo da categoria AVE, que conta com os seguintes atributos definidores: “ter duas asas”, “botar ovos”, “ter penas”, “ter bico”, “voar”, “ter duas pernas”. Dessa forma, para que um animal seja considerado AVE, ele deve preencher todos esses requisitos. Pardais e gaivotas seriam considerados aves sem nenhuma discussão, pois preenchem todos os requisitos, já os pinguins seriam excluídos, já que possuem asas atrofiadas que têm função de nadadeiras. Nesse tipo de modelo, as categorias possuem limites extremamente rígidos e são tratadas de maneira objetivista, como se fossem um reflexo direto do mundo, o que ocasionou diversas dificuldades na hora de categorizar alguns termos mais amplos, como é o caso do termo JOGO. Nem todos os jogos possuem as mesmas características, o que torna difícil a tarefa de categorizar itens relativos a esse termo. Alguns jogos são em equipe, outros não. Alguns exigem competitividade, outros não. Assim, dá pra perceber que esse modelo de categorização “tudo ou nada” não funciona sempre, o que motivou muitos estudos na área das ciências cognitivas e da psicologia cognitiva a fim de investigar as categorizações e como nosso cérebro elege os elementos das categorias.

Levando em conta alguns achados de Rosch e Labov, Ferrari cita as seguintes conclusões acerca da categorização:

- (a) As categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humanas;
- (b) Categorias de cores, formas, mas também organismos e objetos concretos, são ancoradas em protótipos conceptualmente salientes, que desempenham papel crucial na formação dessas categorias;
- (c) As fronteiras das categorias cognitivas são imprecisas, de modo que categorias vizinhas não são separadas por limites rígidos, mas há uma zona de intersecção.

O que isso quer dizer? Basicamente: as categorias são criadas pelo nosso cérebro, a fim de facilitar a organização e armazenamento de informações; as categorias são, muitas vezes, formadas a partir de um elemento específico que é utilizado como base; nem sempre um elemento de uma categoria vai ser idêntico ao protótipo/elemento base e nem sempre um elemento vai pertencer somente a uma categoria.

Ferrari cita, também, que as pesquisas demonstram que as categorias possuem níveis de inclusão, de modo que um dos níveis funciona como o nível básico de especificidade. Vamos ver um exemplo:

(d) Veículo – *carro* – celta

O nível básico da categorização está em itálico. Esse nível básico apresenta características específicas que lhe conferem um status especial, e pode ser definido como o nível máximo no qual:

- (i) Os indivíduos usam padrões de comportamento motor semelhantes para interagir com os membros da categoria;
- (ii) Uma imagem mental única pode representar toda a categoria;
- (iii) Os membros da categoria têm formas globais percebidas como semelhantes;
- (iv) A maior parte das informações úteis e do conhecimento dos falantes sobre os membros da categoria são organizados.

Podemos ver que o termo “carro” está de acordo com os itens citados. Os movimentos feitos para dirigir um carro, independentemente do modelo, são os mesmos (i), uma única imagem mental pode representar todos os carros (ii), os carros podem ser reconhecidos por suas formas, como possuir quatro rodas, volante, motor, etc. (iii) e não é difícil que um falante organize informações úteis acerca de um carro (iv). Essas mesmas características não podem ser aplicadas à palavra VEÍCULO, já que veículo tem diferentes formas (pode ser carro, moto, ônibus), os padrões de movimento durante a interação não serão parecidos entre diferentes veículos (dirigir um ônibus é bem diferente de pilotar uma moto), seria difícil organizar informações úteis acerca de veículos, visto que eles podem ter diversas formas e, por esse mesmo motivo, uma única imagem mental não poderia representá-los.

Ainda dentro do conceito de categorização, temos as categorias superordenadas, que têm as seguintes características:

- (i) A semelhança entre os membros é baixa, se comparada às semelhanças entre os membros do nível básico;
- (ii) O número de atributos classificadores é menor que o das categorias de nível básico;
- (iii) Os nomes das categorias superordenadas não são contáveis, enquanto os nomes das categorias de nível básico costumam ser contáveis.

Um exemplo de categoria superordenada é LOUÇA. Louça engloba pratos, talheres, copos, tigelas, canecas, entre outros. Eu não posso dizer que lavei “duas louças”, mas posso enumerar quantos pratos, copos e garfos lavei. Além disso, os membros da categoria não têm quase nada de semelhante entre eles.

O modo de categorização envolve desde elementos prototípicos a elementos mais periféricos. O núcleo de uma categorização é composto pelos elementos mais prototípicos, ou seja, aqueles que têm mais atributos definidores da categoria. Os membros mais periféricos, ou seja, que apresentam menos atributos definidores, ficam mais longe do “núcleo”.

É importante ressaltar que, de acordo com as descobertas de Labov, os indivíduos apresentam certas propriedades categoriais diferentes em contextos diferentes. Por exemplo, se você pensar em árvore no contexto natalino, você vai pensar em um pinheiro de plástico; se pensar em um contexto de praia, é provável que você pense em um coqueiro. Sendo assim, diferentes contextos podem evocar diferentes categorizações para um mesmo termo.

Nosso cérebro possui estruturas organizadas de conhecimento armazenadas na memória permanente que são cruciais para a construção do significado. Charles Fillmore define essas estruturas como *frames* e defende que esse conhecimento seria organizado a partir da esquematização da experiência. Ou seja, o significado das palavras é subordinado aos frames, visto que a interpretação se associa a eles. Isso permite que um mesmo termo tenha significados diferentes se associados a frames diferentes. Pensemos no termo “CONTROLE DE DANOS”, que pode estar associado ao frame de medicina, que indica uma cirurgia realizada com o objetivo de conter lesões que matariam o paciente em cerca de 24h, para que ele se recupere o suficiente para cirurgias mais complexas, muito comuns após acidentes graves; mas também poderia estar associado a um frame de política, indicando uma manobra para conter danos à imagem de um político após algum escândalo. Sendo assim, de acordo com Antônio Abreu, um frame seria o domínio semântico vinculado a uma palavra, formado tanto por um conjunto de elementos prototípicos, que pode ser considerado o ‘núcleo duro’ do frame, como também por outros elementos vinculados à imaginação. Ou seja, os frames são associações que fazemos ao deparar com determinados termos e expressões, e essas associações podem ter ou não alguma semelhança com o termo inicial.

Partindo dessa concepção de frames e dos processos de categorização, Lakoff desenvolveu o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado, ou MCI, definindo-o como um conjunto complexo de frames distintos. Embora também represente uma estrutura de conhecimento armazenada na memória a longo prazo, a noção de MCI pode ser mais complexa e organizada que a noção de frame. Para Lakoff, os MCIs dependem de três tipos de princípio estruturante em sua composição:

- (a) Estrutura proposicional – É o mesmo tipo de estrutura proposta por Fillmore ao retratar os frames. A definição de quarta-feira, por exemplo, só pode ser entendida em relação a um modelo idealizado que inclui a caracterização do tempo em semanas, e a divisão das semanas em 7 dias, sendo que a quarta-feira seria a quinta parte de um todo. É um modelo idealizado pois a semana de 7 dias não existe na natureza, é uma convenção humana e nem todas as culturas têm o mesmo tipo de semana.
- (b) Esquema imagético – Os esquemas imagéticos fundamentam a estrutura conceptual dos MCIs. Como cita Martelotta, as relações espaciais constituem um esquema imagético que serve de base para uma série de outras representações. Os esquemas imagéticos mais utilizados são os de contêiner, origem-percurso-destino, percurso, elo,

força, equilíbrio, bloqueio, contra-força, compulsão, parte-todo, centro-periferia, em cima-embaixo, à frente-atrás, dentro-fora, perto-longe, contato e ordem linear.

- (c) Metafóricos e metonímicos – Nos moldes de Lakoff e Johnson, MCIs podem ser estruturados por projeção metafórica ou metonímica. Por exemplo, o TEMPO é comumente representado como ESPAÇO, como no trecho “As horas passam voando”.

Um outro aspecto no qual a Linguística Cognitiva se destaca das demais abordagens é na importância dada aos conceitos de metáfora e metonímia. Comumente usada na linguagem poética, a metáfora também está presente no nosso cotidiano. Ferrari cita a concepção de Lakoff e Johnson de que “o nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica”.

A metáfora está relacionada ao conceito de perspectiva, visto que diferentes modos de perceber fenômenos resultam em diferentes metáforas. Algumas metáforas muito comuns no nosso cotidiano são: CALOR É SENTIMENTO (exemplo: Ela é muito *fria*), TEMPO COMO LOCAL (Estamos *perto do ano novo*), COMUNICAR É ENVIAR (Não estou conseguindo *passar minha ideia para você*), AMOR É VIAGEM (Ela *voltou* com o ex), MUDANÇA É MOVIMENTO (*Ela foi dos cinquenta ao sessenta* sem nenhum problema de saúde), entre outros.

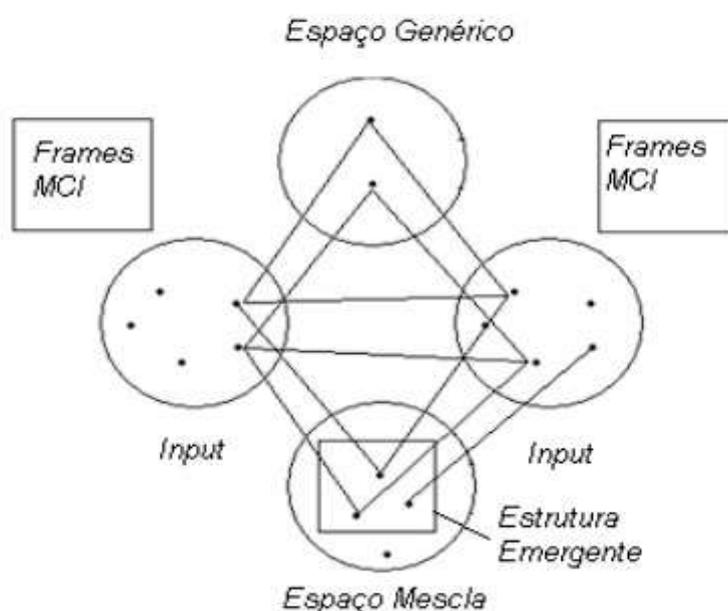
Em casos como esses citados acima, podemos observar uma PROJEÇÃO ENTRE DOMÍNIOS. Esse processo de projeção consiste em tomar a estrutura de determinado domínio (chamado domínio-fonte) para falar ou pensar outro domínio (chamado domínio-alvo). No caso da metáfora AMOR É VIAGEM, podemos definir que VIAGEM é o domínio-fonte, enquanto AMOR é o domínio-alvo.

Já nas PROJEÇÕES DE FUNÇÕES PRAGMÁTICAS, ocorre uma projeção entre um domínio em outro a ele relevante, em função de uma relação estabelecida localmente, como define Martelotta. Esse tipo de projeção é comum às metonímias e é muito importante na organização do nosso conhecimento, proporcionando meios de identificar um domínio através de sua contraparte em outro domínio. No exemplo “Deixei meu *Aurélio* em casa”, podemos ver a relação entre autor (Aurélio) e livro (dicionário), e nosso conhecimento de mundo nos ajuda a compreender a relação entre o gatilho (autor) e o alvo (livro).

Existe também a PROJEÇÃO ENTRE ESPAÇOS MENTAIS. A Teoria dos Espaços Mentais foi postulada por Fauconnier e Turner. Em uma entrevista para a UFMG, Fauconnier definiu que os espaços mentais seriam como pequenos conjuntos de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. De acordo com ele, nós conectamos esses espaços mentais entre si e os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Existe um espaço-base que ancora o discurso e, a partir dele, outros espaços mentais são reservados para informações que vão além do contexto imediato, como cita Corrêa. Essa teoria busca entender o que acontece nos bastidores da mente humana. Durante o

discurso, é como se mudássemos de um espaço mental para outro, devido às mudanças de perspectivas e ponto de vista. É importante lembrar que, de acordo com Fauconnier e Turner, os espaços mentais contêm elementos que são tipicamente estruturados por frames, são interconectados e podem ser identificados à medida que o discurso se desenvolve.

Tendo em mente esse conceito, podemos, enfim, falar sobre a Mesclagem Conceptual. Ainda de acordo com Fauconnier e Turner, a mesclagem conceptual seria uma espécie de operação cognitiva que envolve espaços mentais projetados, um espaço genérico que reflete o que há de comum entre os espaços mentais e o espaço-mescla, resultante da projeção parcial de informações do espaço-genérico.



FONTE: ARTIGO "MESCLAGEM CONCEPTUAL EM PIADAS CURTAS" de Elyssa Soares Marinho e Lilian Ferrari.

A imagem acima mostra o diagrama usado para representar mesclagens conceptuais. Dois espaços-base de entrada (inputs 1 e 2) interconectados; um espaço genérico que reflete o que há de comum entre os espaços-base; e o espaço-mescla, onde elementos dos inputs 1 e 2 são projetados. Além disso, há a estrutura emergente do espaço-mescla, que apresenta uma configuração distinta daquelas possibilitadas pelos inputs. Essa estrutura é construída por composição dos elementos que se relacionam na mescla; por completamento, que traz uma estrutura adicional à mescla complementando-a com informações que não foram adicionadas nos espaços-base, advindas de algum frame; e por elaboração, que pode desenvolver a mescla a partir de um trabalho imaginativo regido por princípios próprios.

Voltemos à piadinha do início: “Qual carro avisa quando vai chover? O celta preto”. Aqui temos dois frames distintos, um relativo a CARROS e outro relativo a FENÔMENOS DA NATUREZA. Existe uma homofonia entre CELTA PRETO (o carro) e a frase “O CÉU TÁ PRETO”, frase que comumente dizemos quando o dia está nublado. Dessa forma, a similaridade fonética entre os dois elementos da piada constituiria o espaço-genérico entre os inputs, gerando a mescla CELTA/CÉUTA, que resulta na estrutura emergente “O nome do carro pode significar uma previsão meteorológica”. Piadas como essas e coisas relativas a humor no geral são comumente utilizadas por estudiosos para exemplificar situações de mesclagem conceptual, como é o caso das pesquisadoras Elyssa Marinho e Lilian Ferrari, que analisaram quatro piadas curtas em um artigo. Fauconnier também cita que seu exemplo favorito de mesclagem conceptual são as piadas.

Para nós, é um trocadilho bobo que não demoramos nem dois segundos para compreender mas, nos bastidores do nosso cérebro, um complexo processo de construção de significado ocorre.